Aufklärung Revista de Filosofia

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v12i2.71983
Recebido: 25/10/2024 | Aceito: 30/05/2025
Licença: Creative Commons 4.0 International (CC BY 4.0)

A filosofia como autoconfissão involuntária: o Nietzsche de Lou Andreas-Salomé

[Philosophy as involuntary self-confession: Lou Andreas-Salomé's Nietzsche]

*Lucas Villa**
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Resumo: Este artigo explora a interpretação da obra de Friedrich Nietzsche realizada por Lou Andreas-Salomé em seu "Nietzsche em suas Obras", com foco em sua leitura psicológica e existencial dos principais conceitos nietzschianos. Salomé propõe uma ligação profunda entre vida e obra, argumentando que Nietzsche desenvolve sua filosofia como uma resposta pessoal à crise de valores do ocidente. O artigo analisa os três principais eixos interpretativos de Lou Salomé: a) a relação entre as experiências pessoais de Nietzsche e sua filosofia, vista como uma espécie de "autoconfissão involuntária"; b) o estilo multifário da obra nietzschiana, que revela um espírito fragmentado resultante do conflito e tentativa de conciliação entre várias identidades distintas (o músico, o poeta, o filósofo, o filólogo, o religioso), em permanente metamorfose e busca de autossuperação; c) a dimensão mística do "sistema" final de Nietzsche, que denuncia um ideal divino de transcendência projetado em conceitos como Eterno Retorno, Além-do-homem e Vontade de Potência. Essas análises são, ao fim, situadas na comunidade de intérpretes de Nietzsche e panoramicamente cotejadas com as interpretações de comentadores como Walter Kaufmann, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Gianni Vattimo e Alexander Nehamas, revelando a originalidade e influência da perspectiva de Salomé no campo dos estudos nietzschianos.
Palavras-chave: Lou Andreas-Salomé; Friedrich Nietzsche; Eterno Retorno; Além-do-homem; Vontade de Potência

Abstract: This article explores the interpretation of Friedrich Nietzsche's work carried out by Lou Andreas-Salomé (1992) in her "Nietzsche in his Works", focusing on her psychological and existential reading of the main Nietzschean concepts. Salomé proposes a deep connection between life and work, arguing that Nietzsche develops his philosophy as a personal response to the crisis of Western values. The article analyzes Lou Salomé's three main interpretative axes: a) the relationship between Nietzsche's personal experiences and his philosophy, seen as a kind of "involuntary self-confession"; b) the multifarious style of Nietzsche's work, which reveals a fragmented spirit resulting from the conflict and attempt at reconciliation between several distinct identities (the musician, the poet, the philosopher, the religious), in search of self-overcoming; c) the mystical dimension of Nietzsche's mature thought, which denounces a divine ideal of transcendence projected in concepts such as Eternal Recurrence, Overman and Will to Power. These analyzes are, in the end, situated in the community of Nietzsche interpreters and panoramically compared with the interpretations of commentators such as Walter Kaufmann, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Gianni Vattimo and Alexander Nehamas, revealing the originality and influence of Salomé's perspective in the field of Nietzschean studies.
Keywords: Lou Andreas-Salomé; Friedrich Nietzsche; Eternal Recurrence; Overman; Will to Power

**Pós-Doutorado pela Universität Hamburg, Alemanha. Doutor em Direito pelo Centro Universitário de Brasília - UNICEUB. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Professor do Departamento de Ciências Jurídicas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí. E-mail:lucasvilla@ufpi.edu.br*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

1.Introdução

"Nietzsche em suas Obras"[1], de Lou Andreas-Salomé (1992), representa um dos primeiros esforços de interpretação sistemática do pensamento de Friedrich Nietzsche, oferecido por uma figura que teve relação íntima, tanto pessoal quanto intelectual, com o filósofo. A obra se destaca não apenas pela profundidade com que se acerca das ideias centrais de Nietzsche, mas também por sua abordagem inovadora, que mistura psicologia, filosofia e uma perspectiva existencial única. A leitura de Salomé tem o mérito de ser uma das primeiras a captar a complexa ligação entre a vida de Nietzsche e o desenvolvimento de sua filosofia, algo que marcaria profundamente a interpretação posterior de sua obra.

Lou Andreas-Salomé foi uma figura de destaque no cenário intelectual europeu do final do século XIX e início do século XX. Escritora, filósofa e, posteriormente, uma das pioneiras da psicanálise, Salomé participou ativamente dos debates culturais e filosóficos de seu tempo, mantendo estreitas relações com personalidades como Sigmund Freud e Rainer Maria Rilke. No entanto, foi seu envolvimento com Nietzsche, em 1882, que resultou em uma das conexões mais impactantes de sua vida intelectual. A admiração mútua entre Nietzsche e Salomé deu origem a um breve, mas intenso, período de trocas intelectuais que moldaram a leitura de Salomé sobre o filósofo. Nietzsche, ao conhecer a jovem russa, ficou profundamente impressionado com sua inteligência, a ponto de propor casamento, pedido que ela recusou, preservando uma relação pautada pela admiração intelectual mútua (JANZ, 2016).

Esse contexto de proximidade pessoal e intelectual permitiu que Lou Salomé fosse uma das poucas pessoas a quem Nietzsche se abriu completamente, tanto sobre suas ideias filosóficas quanto sobre seus sentimentos mais íntimos. Foi nesse período que Salomé começou a esboçar sua compreensão da obra de Nietzsche, que mais tarde resultaria na publicação de "Nietzsche em suas Obras". O fato de Nietzsche ter revisado e comentado os esboços das duas primeiras partes dessa obra confere a ela uma legitimidade única (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 29-30).

Ainda mais assustador é o fato de que a obra de Salomé é anterior à publicação de *Ecce Homo* (NIETZSCHE, 2008), espécie de autobiografia intelectual em que o autor parece desenvolver exatamente o mesmo projeto levado a cabo por ela: demonstrar o indissolúvel entrelaçamento entre sua vida pessoal e sua obra filosófica. Lou Salomé publica seu livro sobre Nietzsche em 1894, enquanto a obra autobiográfica do filósofo só seria publicada por sua irmã, postumamente, em 1908. Se houve influência de uma sobre a outra, então, seria de via inversa: teria a leitura que Nietzsche fez dos esboços da obra de Lou Salomé a seu respeito influenciado a interpretação que fez de si mesmo em *Ecce Homo*?

Assim como *Ecce Homo,* o livro de Salomé se distingue por sua capacidade de conectar a vida e a obra de Nietzsche, cuja filosofia ela descreve como uma espécie de "autoconfissão involuntária". Para Lou Salomé (1992), a filosofia de Nietzsche não pode ser entendida isoladamente de suas experiências pessoais. Ela argumenta que, mais do que qualquer outro filósofo,

Nietzsche constrói sua obra como uma resposta profundamente pessoal à crise de valores que ele identificava no Ocidente e às crises fisiológicas e existenciais que aplacavam sua saúde e seu espírito. A filosofia nietzschiana, segundo Salomé, é uma tentativa de transcender o niilismo e de criar novos valores a partir da afirmação radical da vida, mesmo nas suas formas mais dolorosas. Essa visão coloca Salomé como uma das primeiras intérpretes a sublinhar a dimensão existencial e psicológica da filosofia de Nietzsche, uma leitura que influenciaria profundamente a recepção do filósofo no século XX.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

É também Lou Salomé que parece inaugurar uma prática que se tornaria lugar-comum entre os comentadores de Nietzsche: o hábito de classificar sua produção em três "períodos", um primeiro em que foi "discípulo de Wagner" e influenciado "pela metafísica de Schopenhauer"; um segundo composto por "obras de Nietzsche que repousam ainda em bases positivistas"; e um terceiro composto por sua produção madura, que, segundo ela, caracterizaria uma "nova filosofia voltada para o místico" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 34).

A obra de Lou Salomé (1992) sobre Nietzche organiza-se em três capítulos, cada um deles desenvolvido em torno de uma tese principal. No primeiro capítulo, denominado "Sua Essência", a tese central é de que obra filosófica de Nietzsche é inseparável de sua vida pessoal, sendo uma "autoconfissão involuntária", na qual suas crises existenciais e seu sofrimento moldam diretamente suas ideias. No segundo capítulo, intitulado "Metamorfoses", a tese levantada é a de que o pensamento de Nietzsche se desenvolve por meio de uma série de transformações internas que refletem a luta do filósofo para reconciliar suas várias facetas (máscaras) - o músico, o poeta, o filósofo, o religioso - e sua busca pela autossuperação. Já o capítulo final, chamado "O Sistema Nietzsche", articula a tese de que, apesar de seus esforços para construir um sistema filosófico, o pensamento de Nietzsche permanece fragmentado, e conceitos como Vontade de Potência, Eterno Retorno e Além-do-homem revelam uma filosofia voltada para a criação de novos valores e a superação contínua de limites, mas também um ideal divino de transcendência de caráter místico.

A primeira tese é a premissa de Lou Andreas-Salomé: a filosofia de Nietzsche está inseparavelmente ligada à sua vida, sendo uma expressão direta de suas experiências e crises pessoais. Assim, Salomé propõe que os conceitos fundamentais do pensamento nietzschiano não podem ser compreendidos apenas em termos filosóficos abstratos, mas devem ser vistos como manifestações das próprias lutas internas que caracterizam seu espírito multifacetado. A partir dessa perspectiva, o Eterno Retorno, por exemplo, é visto como o teste supremo da capacidade de Nietzsche de afirmar a vida em todas as suas contradições, um conceito que reflete sua necessidade pessoal de superar o niilismo e a decadência. O Além-do-homem, por sua vez, é entendido como a projeção de um ideal divino, que Nietzsche aspiraria alcançar por meio de sua filosofia, enquanto a Vontade de Potência é interpretada como a força criativa e transgressora que impulsiona o filósofo a transcender os limites da moralidade tradicional e criar novos valores.

A leitura de Lou Andreas-Salomé contrasta com outras leituras de Nietzsche, especialmente aquelas que se concentraram mais no aspecto destrutivo de sua filosofia. Comentadores ilustres como Heidegger e Deleuze,

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

por exemplo, enfatizaram o caráter metafísico e ontológico dos conceitos nietzschianos, com Heidegger (2007) focando no Eterno Retorno como a expressão máxima do ser no tempo, e Deleuze (2007) lendo a Vontade de Potência como um princípio afirmativo da diferenciação e da multiplicidade. Walter Kaufmann (2013), em sua clássica interpretação de Nietzsche, abordou o filósofo como um crítico do racionalismo ocidental e como um defensor da liberdade individual. No entanto, enquanto esses comentadores oferecem leituras poderosas e influentes, a interpretação de Salomé se destaca por sua capacidade de revelar a profundidade emocional e psicológica que permeia a filosofia nietzschiana.

O presente artigo tem por objetivo apresentar a peculiar interpretação de Lou Andreas-Salomé sobre a obra de Nietzsche, cotejando-a, ao fim, com a leitura de outros conhecidos intérpretes do filósofo, como Walter Kaufmann, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Gilles Deleuze, Michel Foucault, Gianni Vattimo e Alexander Nehamas, de modo a situá-la no contexto mais amplo dos estudos nietzschianos. Inicialmente, apresento um panorama do relacionamento pessoal e intelectual travado entre Nietzsche e Salomé, lançando luz sobre a forma como suas histórias de vida se entrecruzaram. Após, detenho-me a analisar a primeira tese de Salomé a respeito de Nietzsche: a de que sua filosofia e sua vida pessoal são indissociáveis, de modo que seu projeto filosófico poderia ser descrito como verdadeiro exercício de autoconfissão. Posteriormente observo, a partir de Salomé, a relação entre o caráter fragmentário da filosofia nietzschiana e a multiplicidade de identidades e máscaras que caracterizam o espírito do filósofo-filólogo-poeta-músico-místico. Por fim, dedico-me à tese final de Lou Andreas-Salomé: a de que conceitos da filosofia madura de Nietzsche como Vontade de Potência, Eterno Retorno e Além-do-homem projetam um ideal místico de transcendência e de "divinização do humano". Como desfecho, insiro essa leitura no contexto da comunidade dos intérpretes de Nietzsche, situando-a brevemente no panorama geral dos estudos nietzschianos.

Com isso, pretendo dar um passo em direção ao resgate dessa pioneira leitura sobre a filosofia nietzschiana, surpreendentemente invisibilizada, que apresenta o filósofo a partir de um espaço discursivo privilegiado. Trata-se de interpretação levada a cabo por alguém que conviveu com Nietzsche, ouviu dele próprio as explicações sobre seu projeto filosófico e, inclusive, a ele submeteu boa parte do que havia escrito a seu respeito. A leitura de Salomé, portanto, oferece perspectiva original e profundamente pessoal sobre a filosofia de Nietzsche. Ao conectar vida e obra, antecipa muitas das leituras psicológicas e existenciais que se tornariam centrais nas interpretações posteriores, ao longo do século XX, além de fornecer chaves de leitura pouco exploradas do pensamento nietzschiano.

2. Encontros, desencontros, reencontros: Nietzsche e Lou Andreas-Salomé

A relação entre Friedrich Nietzsche e Lou Salomé é uma das mais fascinantes e complexas da história da filosofia, envolvendo tanto uma

profunda troca intelectual quanto uma dimensão pessoal que moldou significativamente a visão de Nietzsche sobre a vida e suas obras. Conheceram-se em 1882, quando Nietzsche, aos 37 anos, já era um filósofo razoavelmente reconhecido, e Lou Salomé, então com 21 anos, despontava como uma jovem de notável inteligência e charme, cuja perspicácia filosófica rapidamente chamou a atenção dos intelectuais de seu tempo.

O primeiro contato entre os dois foi intermediado por Paul Rée, amigo próximo de Nietzsche, que já havia se encantado pela sagacidade e independência de Salomé. Nietzsche, que estava à procura de interlocutores intelectuais de nível, fascinou-se pela profundidade filosófica da jovem e por sua liberdade de pensamento. Em pouco tempo, os três - Nietzsche, Rée e Salomé - formaram um trio intelectual que planejava viver juntos de forma platônica, em uma comunidade dedicada ao estudo e à criação filosófica. Embora esse plano nunca tenha se concretizado, ele simboliza o desejo de Nietzsche de encontrar em Salomé não apenas uma amiga e confidente, mas também uma parceira intelectual (JANZ, 2016).

Experimentaram, Nietzsche e Salomé, inclusive, momentos de simbiose criativa, como foi o caso da canção "Hino à Vida" (*Hymnus an das Leben*), cuja música foi composta por Nietzsche e a letra escrita por Lou Salomé, inspirada na filosofia nietzschiana, especialmente em suas ideias sobre superação pessoal e afirmação da vida (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 193-194). Segundo Scarlett Marton (2022, p. 32), “em Nietzsche, a ‘jovem russa’ julga encontrar um homem brilhante que poderia auxiliá-la a prosseguir a sua formação; em Lou, ele espera ter ‘uma discípula’, ‘uma herdeira’ que continuasse seu pensamento”.

Essa relação, no entanto, tomou dimensões mais complexas do que a mera camaradagem intelectual. Nietzsche rapidamente apaixonou-se por Salomé, cuja beleza e carisma o atraíram tanto quanto a mente brilhante. Em maio de 1882, Nietzsche chega a propor-lhe casamento, em cena que se desenrolou de maneira um tanto incomum. Durante um passeio de charrete com Rée e Salomé, Nietzsche, incapaz de expressar diretamente seus sentimentos, pediu que Paul Rée apresentasse sua proposta de casamento à jovem (YOUNG, 2010, p. 237). Salomé, no entanto, recusou a oferta, alegando que não tinha intenção de se casar, o que deixou Nietzsche profundamente desiludido. Essa rejeição foi um dos fatores que levaram ao afastamento gradual entre Nietzsche e Salomé, embora a admiração intelectual tenha permanecido de ambos os lados. A relação entre Lou Salomé e Elisabeth Nietzsche, irmã do filósofo, também se tornou extremamente problemática (JANZ, 2016).

Para Nietzsche, a rejeição, devastadora em nível pessoal, também impactou na obra filosófica. A partir desse episódio, estudiosos sugerem que ele passa a desenvolver uma crítica amarga à ideia de amor romântico, à submissão aos desejos afetivos e ao papel da mulher na sociedade. Em seu estudo sobre a relação entre Nietzsche e Salomé, Daniela Siegel (2004, p. 302-325), por exemplo, aborda como a rejeição amorosa de Salomé impactou a visão de Nietzsche sobre as mulheres e o amor. Siegel argumenta que a filosofia posterior de Nietzsche, especialmente em “Assim Falou Zaratustra” (2018), reflete uma amargura crescente em relação ao papel das mulheres na

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

sociedade, influenciada, em parte, pela desilusão pessoal com Salomé. Em sua biografia "Nietzsche: Biografia de uma Tragédia", Rüdiger Safranski (2003) discute o impacto devastador da rejeição de Salomé sobre Nietzsche, destacando que a frustração com o amor transformou sua visão sobre as relações pessoais. Safranski explora como essa desilusão está presente na fase posterior de sua filosofia, marcada por uma crítica ao amor e ao casamento, vistos por Nietzsche como formas de escravização emocional[2].

Embora o relacionamento amoroso não tenha prosperado, uma análise das correspondências de Nietzsche (1999) deixa claro que a dimensão intelectual da amizade entre ele e Lou Salomé marcou sua vida. Nietzsche chegou a discutir com Salomé trechos dos esboços do livro dela a seu respeito, expressando admiração e entusiasmo com o projeto (SALOMÉ, 1988, p. 30; MARTON, 2022, p. 32). A relação entre os dois foi, portanto, marcada por uma dualidade: de um lado, uma admiração profunda pela inteligência e pelo potencial filosófico da jovem; de outro, uma desilusão pessoal que trouxe sofrimento ao filósofo. Mesmo assim, Lou Salomé soube captar a complexidade de Nietzsche como poucos, destacando-se como uma das primeiras grandes intérpretes de sua obra e oferecendo uma leitura que influenciaria futuras gerações de estudiosos.

Além de desvendar as sendas da relação entre vida e obra, em Nietzsche, Lou Salomé, guiada pela peculiar ideia de que o "'o instinto religioso' sempre governou a 'essência' e o 'pensamento' de Nietzsche" (MARTON, 2022, p.33), apresenta, como veremos, uma leitura inovadora e inquietante acerca de alguns dos conceitos centrais do que ela chamou "Sistema Nietzsche".

3. Autoconfissão involuntária: uma "essência" da filosofia de Nietzsche?

No primeiro capítulo de "Nietzsche em suas Obras", intitulado "Sua Essência", Lou Andreas-Salomé (1992) apresenta sua tese central de que a obra filosófica de Friedrich Nietzsche é inseparável de sua biografia e de sua personalidade. Salomé argumenta que, diferentemente de outros filósofos que elaboram sistemas teóricos abstratos e impessoais, Nietzsche constrói sua filosofia como uma "autoconfissão involuntária", na qual suas experiências de vida - particularmente seu sofrimento, isolamento e solidão - aparecem refletidos em seus conceitos. Para Salomé, vida e pensamento estão intimamente entrelaçados em Nietzsche, a ponto de sua filosofia poder ser descrita como uma espécie de diálogo consigo mesmo:

> "Mihi ipst scripsi!" exclama Nietzsche repetidamente em suas cartas após a conclusão de uma obra. (...) São palavras reveladoras para quem sabe ler os escritos de Nietzsche: insinuam que, no fundo, ele só pensava e escrevia para si próprio e convertia seu próprio eu em pensamentos (SALOMÉ, 1992, p. 29).

Salomé destaca a peculiaridade da filosofia de Nietzsche, que, segundo ela, não repousa em sua originalidade teórica, mas na "força íntima" com que o filósofo expressa sua vida interior (SALOMÉ, 1992, p. 30). Ela argumenta que Nietzsche não vivenciou grandes acontecimentos externos que pudessem moldar sua obra; ao contrário, sua verdadeira vida ocorreu no plano do

pensamento e da introspecção, o que faz com que sua filosofia seja profundamente pessoal e subjetiva. A partir dessa perspectiva, Lou Salomé (1992, p. 30) defende que toda a filosofia de Nietzsche é uma "soma de monólogos (...) em cuja base repousa a imagem de seu espírito". Essa visão, pioneira em Lou Salomé, se tornaria lugar comum entre os comentadores e biógrafos de Nietzsche. Curt Paul Janz (2016, p. 23), por exemplo, em sua biografia do filósofo, afirma que "em nenhum momento seu pensamento procura se desprender da vida e se livrar dos impulsos de sua personalidade, antes resulta e surge sempre da profundeza de ambos e é apenas expressão destes".

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Salomé enfatiza a solidão de Nietzsche como elemento fundamental tanto de sua vida quanto de sua filosofia. Ela argumenta que o filósofo progressivamente se isolou do mundo exterior, aprofundando seu relacionamento consigo mesmo e desenvolvendo uma visão de mundo cada vez mais solitária. Esse isolamento, segundo Salomé, levou Nietzsche a adotar "máscaras" para proteger sua essência mais profunda, uma forma de esconder a vulnerabilidade de sua sensibilidade filosófica (SALOMÉ, 1992, p. 36). Nesse sentido, a autora sugere que a solidão não foi apenas um traço de sua personalidade, mas também uma característica central de sua filosofia.

Para Salomé, essas máscaras, usadas por Nietzsche como uma forma de proteção e ocultamento, serviam como barreira para esconder sua vulnerabilidade, sua sensibilidade e seu sofrimento interior, permitindo que ele mantivesse um distanciamento do mundo e dos outros, preservando, ao mesmo tempo, aquilo que, para ela, seria sua essência mais íntima (SALOMÉ, 1992, p. 36-37). As diferentes *personae*, em multiplicidade de vozes e figuras, seriam expressão tanto da complexidade interna de Nietzsche quanto de sua tentativa de evitar a exposição completa de si mesmo. Ao criar personagens como Zaratustra ou ao escrever na forma de aforismos e fragmentos, Nietzsche se escondia atrás de máscaras filosóficas, impedindo o acesso direto a si.

No §40 de "Além do Bem e do Mal", Nietzsche (1999, KSA 5, p. 57) afirma que "tudo que é profundo ama a Máscara" ("*Alles, was tief ist, liebt die Maske"*). Para Nietzsche, a máscara é necessária porque aqueles que possuem uma alma profunda e complexa precisam ocultar partes de si mesmos para se proteger da superficialidade do mundo externo. Essa ocultação não é apenas um mecanismo de defesa, mas também uma maneira de manter a integridade de sua profundidade interior.

Ao mesmo tempo, também é possível interpretar o uso das máscaras em Nietzsche como uma maneira de confrontar a realidade do mundo. O recurso estratégico às máscaras também guarda relação com seu conceito de perspectivismo: cada máscara representa uma visão parcial da realidade, e Nietzsche, ao usar diferentes *personae* e perspectivas, desafia a noção essencialista de verdade única. O filósofo, assim, transforma a multiplicidade de perspectivas em elemento fundamental de sua filosofia, na qual a verdade é sempre vista de diferentes ângulos e nunca é apresentada de forma unívoca (NIETZSCHE, 2008).

Gianni Vattimo (2017), em "O Sujeito e a Máscara: Nietzsche e o Problema da Libertação", também explora a questão das máscaras em Nietzsche, enfatizando o caráter plural e fragmentado da subjetividade. A tese

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

principal de Vattimo é que as máscaras, em Nietzsche, não são apenas um recurso de ocultação ou proteção, como em Lou Andreas-Salomé, mas representam a dissolução do "eu" como entidade fixa e substancial. Para Vattimo, a máscara é um símbolo da multiplicidade e da falta de unidade do sujeito, refletindo a crítica de Nietzsche à metafísica ocidental e à ideia de uma essência estável e permanente do ser.

Vattimo argumenta que, ao usar máscaras, Nietzsche está propondo uma crítica à noção tradicional de sujeito, que seria estável e coerente. Em vez disso, para Nietzsche (e Vattimo), o sujeito é constituído por uma pluralidade de perspectivas e é, essencialmente, um jogo de máscaras. O uso das máscaras, portanto, não é apenas uma defesa da vulnerabilidade, mas uma afirmação de que o "eu" é uma construção instável, moldada pelas forças culturais e históricas que o cercam (VATTIMO, 2000, p. 45-47). Vattimo sugere que a máscara é a própria condição do sujeito na modernidade, cuja essência não é mais algo que pode ser revelado, mas sempre encenado e reconfigurado.

As diferentes máscaras de Nietzsche também se refletem na multiplicidade de estilos que permeia sua produção. Salomé inaugura a prática, que se tornaria corriqueira entre os comentadores, de dividir a obra de Nietzsche em três “fases”, que corresponderiam ao desenvolvimento de seu pensamento. A primeira fase, marcada por uma metafísica de artista, caracteriza-se por seu envolvimento com Richard Wagner e com a metafísica schopenhaueriana, período em que Nietzsche ainda nutria esperança em um renascimento cultural baseado na arte e na filosofia gregas. No entanto, com o tempo, Nietzsche se desilude com Wagner, o que marca sua transição para uma fase de influência positivista e crítica, em que se inauguram a rejeição da metafísica tradicional e a exploração de conceitos como o niilismo. Finalmente, a última fase de Nietzsche seria caracterizada, segundo Lou Salomé (1992, p. 34), por um pensamento místico e transgressor, a partir do qual emergem os principais conceitos de sua filosofia da maturidade, como o Eterno Retorno e o Além-do-homem.

Lou Andreas-Salomé também insiste na relação entre a saúde de Nietzsche e sua filosofia, dedicando parte significativa de sua análise ao impacto do sofrimento físico e psíquico sobre sua obra. Ela sugere que a doença crônica de Nietzsche, que o acompanhou por grande parte da vida, não apenas afetou seu estado psicológico, mas também desempenhou papel crucial na construção de seus conceitos. O Eterno Retorno, por exemplo, pode ser interpretado, segundo Salomé, como uma tentativa de Nietzsche de dar sentido à sua experiência de sofrimento, dotando-a de caráter afirmativo (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 44-45). Para ela, Nietzsche foi impulsionado a filosofar a partir de sua experiência de marginalização. Sua filosofia é uma tentativa de criar para si um espaço de afirmação em um mundo que lhe parecia hostil.

Essa visão seria, posteriormente, corroborada por Walter Kaufmann, um dos mais influentes intérpretes de Nietzsche no século XX, que também reconheceu a importância das experiências pessoais de Nietzsche para o desenvolvimento de seu pensamento. Kaufmann argumenta que Nietzsche é, de certa forma, um "psicólogo de si mesmo", utilizando sua própria vida como laboratório para testar seus conceitos. Para Kaufmann (2013, p. 19), Nietzsche transformou o sofrimento pessoal em combustível para sua obra filosófica, o

que o torna um pensador único, cuja filosofia reflete diretamente suas vivências. No entanto, Kaufmann difere de Salomé ao pensar a obra de Nietzsche mais como uma crítica cultural e filosófica ao racionalismo ocidental do que como uma expressão de seus conflitos internos. Enquanto Kaufmann sublinha o aspecto crítico e racional da filosofia nietzschiana, Salomé destaca a importância da subjetividade e da experiência pessoal.

A marca maior, no entanto, da personalidade de Nietzsche e, consequentemente, de sua obra, é, segundo Lou Salomé (1992, p. 52), seu "gênio religioso". Em Nietzsche, o contraste entre ateísmo e paixão religiosa permite o enlace entre opostos que tornaria o seu estudo um "estudo psicológico da religião". A verdadeira busca de Nietzsche, afinal, seria de ordem mística e transcendental: "a possibilidade de encontrar, entre as mais variadas formas de auto-endeusamento, um substituto para o Deus perdido" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 54). Eis aí a essência atribuída por Lou Andreas-Salomé (1992, p. 56-57) ao espírito de Nietzsche: "toda a luta e todo o fogo terrível de um espírito livre com dom religioso".

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Assim, para Salomé, a filosofia de Nietzsche é, em última análise, uma forma de superar suas próprias crises e de criar novos valores em um mundo desprovido de sentido. Desde o primeiro capítulo de sua obra, ela constrói uma interpretação que se distancia das leituras puramente teóricas ou abstratas de Nietzsche, oferecendo uma abordagem profundamente psicológica e biográfica. Essa leitura, pioneira em seu tempo, antecipou as interpretações existencialistas e psicanalíticas de Nietzsche, destacando o aspecto humano e pessoal de sua obra.

A abordagem de Salomé se diferencia de outros célebres comentadores de Nietzsche, como Martin Heidegger, que via na filosofia nietzschiana uma crítica ontológica à tradição metafísica ocidental. Para Heidegger (2007, p. 35), Nietzsche foi o último dos grandes metafísicos, e o conceito de "Vontade de Poder" seria a última tentativa da metafísica de compreender o ser. Embora Heidegger reconheça a profundidade do pensamento de Nietzsche, sua leitura está mais preocupada com as implicações filosóficas e metafísicas de suas ideias do que com a dimensão existencial e psicológica. Salomé, por outro lado, é uma das primeiras a reconhecer que, para Nietzsche, filosofia e vida são inseparáveis. Em lugar de pensar Nietzsche como um metafísico, Salomé o vê como alguém que faz da filosofia uma ferramenta para dotar de significado sua própria existência.

A partir dessa leitura, Lou Salomé inaugura uma abordagem inovadora para a compreensão de Nietzsche, focando no elo indissolúvel entre vida e obra. Essa leitura antecipa abordagens existenciais e psicológicas que influenciaram pensadores posteriores, como Karl Jaspers (1965)e Paul Tillich (2014), e também abre espaço para interpretações que encontram em Nietzsche um precursor da psicanálise, dado seu interesse pela psicologia humana e pelas pulsões inconscientes que movem o comportamento e o pensamento. Ao insistir na ideia de que a filosofia de Nietzsche é uma resposta pessoal ao seu sofrimento e isolamento, Salomé revela uma faceta da obra nietzschiana que seria fundamental para os estudos futuros sobre o filósofo.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

4. As metamorfoses de Nietzsche

Lou Andreas-Salomé aprofunda sua análise sobre a filosofia nietzschiana discutindo o que chama de "metamorfoses" de Nietzsche. Ela argumenta que o desenvolvimento do pensamento do filósofo de Röcken ocorre através de uma série de transformações internas, nas quais ele revisita e reformula suas ideias em resposta às crises e desafios pessoais que enfrenta. Longe de seguir uma trajetória linear, o pensamento de Nietzsche seria marcado por constantes rupturas e reinterpretações de seus próprios conceitos. Para Salomé, essas metamorfoses refletem não apenas a evolução do pensamento filosófico de Nietzsche, mas também a sua luta interna para encontrar um equilíbrio entre suas diversas inclinações intelectuais e emocionais (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 121).

Salomé destaca que Nietzsche era uma figura multifacetada, em quem conviviam simultaneamente o artista (o músico, o poeta), o cientista (o filólogo), o filósofo e o religioso. Essas diferentes dimensões de sua personalidade frequentemente entravam em conflito, resultando em uma espécie de "guerra interior" que se manifestava em sua obra filosófica. Examinando como Nietzsche lidava com a tensão entre os impulsos contraditórios que habitavam sua mente, ela distingue dois grandes tipos de indivíduos: aqueles cujas emoções e impulsos estão em harmonia e aqueles que vivem em constante conflito interno. Nietzsche, de acordo com Salomé, pertence ao segundo grupo. Ele viveu em um estado de "guerra de todos contra todos", no qual suas diferentes facetas competiam entre si, sem que uma força unificadora conseguisse controlá-las completamente (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 44).

Lou Salomé abre o segundo capítulo de sua obra citando o aforismo 573 de "Aurora": "A cobra que não consegue trocar a pele morre. Da mesma forma os espíritos que são impedidas de mudar de opinião; eles deixam de ser espíritos" (NIETZSCHE, 1999, KSA 3, p. 330)[3]. A metáfora da serpente, que precisa mudar de pele para sobreviver, seria a síntese da filosofia de Nietzsche sobre a necessidade de renovação constante. Para Nietzsche, a capacidade de abandonar o velho e transformar-se era essencial para a saúde do espírito, que corria o risco de morrer ou estagnar se ficasse preso a ideias estanques.

A primeira grande metamorfose e mudança de pele na vida de Nietzsche destacada por Lou Salomé (1992, p. 64-66) é seu rompimento com a fé cristã, ocorrido durante a juventude. Nietzsche, inicialmente confortável dentro dos preceitos religiosos, teria começado a perceber que as crenças cristãs já não correspondiam às suas necessidades emocionais e intelectuais. O filósofo, ao reconhecer que o cristianismo, que "se assentava à sua essência interior liso e suave como uma pele sã" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 63), já não podia satisfazê-lo, escolhe se afastar da fé, o que marca o início de sua jornada filosófica.

Lou Salomé (1992, p. 95-97) também destaca a habilidade de Nietzsche em transformar pensamentos e emoções em força criativa, comparando seu processo intelectual ao do músico que converte sentimentos em melodia. Para Nietzsche, suas ideias, muitas vezes sombrias e dolorosas, eram "transformadas em vida", de forma que ele infundia nelas energia nova e criativa. Essa

metáfora musical é central para entender o processo criativo de Nietzsche, que, segundo Salomé (1992, p. 95), transformava os pensamentos mais desagradáveis em melodias novas e grandiosas. O filósofo, por natureza um músico de alma, possuía a capacidade de dar forma e vida às suas ideias, mesmo aquelas que nasciam da dor e do sofrimento.

Essa posição central do sofrimento nos processos de transformação de Nietzsche é outro ponto chave da leitura de Lou Salomé (1992, p. 100-103), que explora como a dor foi elemento fundamental para as metamorfoses do filósofo. Para Nietzsche, o sofrimento físico e psíquico era necessário para romper com o passado e permitir novas perspectivas. Salomé argumenta que Nietzsche entendia o sofrimento como motor para a criação filosófica, força que o obrigava a separar-se de suas antigas ideias e abrir espaço para novas formas de pensamento.

A relação de Nietzsche com a filologia também passa por uma transformação significativa ao longo de sua vida intelectual, embora não se trate de uma ruptura abrupta. Salomé descreve como Nietzsche começou sua carreira como filólogo clássico, aplicando sua formação ao estudo da Grécia Antiga, particularmente em suas obras sobre a arte e a religião helênica. Esses estudos proporcionaram a Nietzsche um primeiro contato com uma "concepção de mundo" que fundamentaria sua futura filosofia.

Segundo Lou Salomé (1992, p. 69), já em seus trabalhos de crítica filológica é possível perceber algo que marca grande parte da genialidade: “o pendor para investigar o oculto e o secreto, para trazer à luz o escondido; o olhar voltado para o obscuro”, característica que estaria intimamente relacionada com seu elevado dote artístico. O envolvimento de Nietzsche com seu trabalho sobre “As Fontes de Diógenes Laércio” teria motivado sua investigação sobre a vida dos filósofos antigos e a vida dos gregos como um todo, que marcaria o início de sua transição da filologia para a filosofia.

Nietzsche, então, “entrou na filosofia através de uma profunda concepção da vida filosófica em seu significado mais íntimo” (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 70). Essa “transição do filólogo para o filósofo”, no entanto, ocorreu de forma gradual. No início, Nietzsche seguiu os moldes tradicionais da filologia em trabalhos como “Homero e a Filologia Clássica”, mas já nessa obra ele começava a sinalizar sua intenção de expandir a prática filológica. Nietzsche sugeria que a filologia não deveria se restringir ao estudo de fragmentos de textos antigos, mas sim estar permeada por uma visão filosófica ampla, o que permitia transcender o estudo técnico e formal. A verdadeira transformação, no entanto, teria ocorrido quando Nietzsche começou a aplicar uma perspectiva filosófica mais integrada ao seu trabalho filológico, particularmente sob a influência de Richard Wagner e Arthur Schopenhauer. Nessa fase, Nietzsche acreditava que a "filosofia deveria emergir da filologia", uma inversão do tradicional preceito de que a filologia deveria guiar-se pela filosofia. Nietzsche via a filologia como um ponto de partida para algo maior, e não como um fim em si mesma (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 71).

Assim, de início, Nietzsche foi profundamente influenciado tanto por Wagner quanto pela metafísica de Schopenhauer, especialmente na forma como ambos articulavam uma concepção de mundo artística e filosófica. Wagner, em

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

particular, proporcionou a Nietzsche uma "pátria espiritual", oferecendo um ideal de civilização artística germânica que Nietzsche via como equivalente ao que a civilização grega antiga tinha representado para ele em seus estudos filológicos (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 86-87).

No entanto, esse período de grande proximidade entre Nietzsche e Wagner não durou. Salomé menciona que o rompimento definitivo com Wagner ocorreu quando este começou a aproximar-se de tendências catolicizantes em sua obra Parsifal, justamente quando Nietzsche começava a se inclinar à filosofia positivista inglesa e francesa. Para Nietzsche, essa mudança de direção em Wagner foi intolerável e seu afastamento do compositor representou não apenas uma separação intelectual, mas também emocional e espiritual. O rompimento com Wagner é descrito por Nietzsche como uma "libertação dolorosa", já que ele via essa ruptura como necessária à sua própria evolução filosófica, mesmo que o processo tenha sido doloroso, semelhante a "feridas auto infligidas". Lou Salomé reproduz, em sua obra, carta escrita por Nietzsche de próprio punho em que reflete sobre sua ruptura com Wagner (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 88-92).

Da mesma forma, Salomé situa outra metamorfose no afastamento de Nietzsche da filosofia de Schopenhauer. Inicialmente, Schopenhauer foi figura central na formação filosófica de Nietzsche, especialmente no que tange ao papel da arte como redentora do sofrimento humano. Contudo, conforme Nietzsche desenvolvia sua própria filosofia, começou a criticar a dependência de Schopenhauer de uma metafísica que não fornecia nada além de uma elevação do ideal grego “em direção ao místico, ao transcendental insondável” (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 72). Opta, então, por uma visão afirmativa da vida que culminaria em seu conceito de "Vontade de Potência".

Após a ruptura com Wagner e Schopenhauer, Nietzsche aceitou as ciências empíricas e o conhecimento racional como guias de sua busca intelectual. Salomé relata que Nietzsche, após abandonar a metafísica schopenhaueriana, voltou-se para o positivismo, encontrando nele um caminho mais "prático" e empírico para a compreensão do mundo. No entanto, ele logo se desencantou também essa visão (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 131). Isso ocorre justamente no período em que a saúde de Nietzsche se agrava, deixando-o “sete-oitavos cego” e impedido de ler por mais de um quarto de hora. Segundo Lou Salomé (1992, p. 94-96), o declínio de Nietzsche na doença foi o responsável por impedi-lo de “se expandir exteriormente e de firmar seu pensamento cientificamente”, desenvolvendo produções histórico-filosóficas em larga escala às quais estaria destinado. Foi também em razão disso que teria sido obrigado a optar pelo estilo de escrita aforismático[4] e a desenvolver sua concepção filosófica a partir de seu próprio interior. Com isso, Nietzsche teria, para Salomé (1992, p. 95), passado “ao largo de uma grandeza que lhe estava reservada”.

Sua adesão ao positivismo, no entanto, foi temporária, embora o rompimento com a nova perspectiva não tenha ocorrido de forma abrupta, como aconteceu com sua separação de Wagner. Ao contrário, Salomé descreve esse afastamento como um processo gradual, um "paulatino evaporar-se". Nietzsche não rejeitou imediatamente as ciências empíricas, mas seu espírito buscava algo além das limitações do pensamento positivista, que ele passou a

considerar restritivo em sua abordagem do conhecimento e da verdade. Nietzsche ansiava por um novo ideal de conhecimento que pudesse transcender os limites da empiria e da razão científica, levando-o a desenvolver conceitos filosóficos mais abrangentes, como o da "Vontade de Potência" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 132).

Conforme Salomé destaca, o positivismo ofereceu a Nietzsche uma certa liberdade de pensamento, mas não conseguiu saciar suas demandas filosóficas mais profundas, o que o levou a abandonar essa corrente em busca de novas perspectivas que abordassem questões últimas e supremas, algo que ele acreditava que o positivismo não era capaz de fazer. Assim, ocorreria, segundo Salomé, um "deslize para o mundo místico" e um "drástico retorno a si mesmo" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 128-136).

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Outro fator fundamental para a compreensão dos processos de transformação de Nietzsche e de seu flerte passageiro com o positivismo e o utilitarismo teria sido sua relação com Paul Rée. Nietzsche, que permitiu-se influenciar por Rée ao ponto de, ludicamente, se autodenominar adepto do "Réealismo" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 117-118), embora admirasse a lógica rigorosa do amigo, distanciou-se dele à medida que se tornou claro que seus estilos intelectuais e naturezas filosóficas eram incompatíveis[5]. Em suas cartas, Nietzsche expressava a diferença entre eles, afirmando: "cada vez mais admira-me quão bem armada está sua exposição segundo o aspecto lógico. Ora, sou incapaz de tanto; no máximo, posso suspirar ou cantar um pouquinho" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 121). Esse afastamento reflete uma mudança em Nietzsche, que procurava um caminho próprio, não baseado apenas na razão e na lógica, mas em uma filosofia que integrasse paixão, intuição e criatividade. Uma filosofia que, segundo Salomé (1992, p. 135), lhe reconciliaria consigo mesmo e com seu gênio religioso, encontrando na "monstruosa apoteose do eu" um substituto para o Deus perdido.

As metamorfoses de Nietzsche, que o levaram a romper, primeiramente, com a metafísica e, posteriormente, com o positivismo, levariam, portanto, segundo Lou Salomé (1992, p. 137), à sua derradeira filosofia, que resgata "o instinto religioso que sempre governou sua essência e seu pensamento". As diversas filosofias de Nietzsche não passariam de substitutivos de Deus, que teriam por finalidade ajudá-lo a percorrer a vida sem um ideal divino para além de si mesmo. Essa concepção místico-transcendental da filosofia nietzschiana se refletiria em conceitos como Vontade de Potência, Eterno Retorno e Além-do-homem, que se articulam em torno de um projeto filosófico fragmentário que Salomé denominou "Sistema Nietzsche".

5. A dupla ressonância de um riso: o "Sistema Nietzsche"

Como arremate de sua chave de leitura, Lou Andreas-Salomé propõe uma análise abrangente da estrutura subjacente ao pensamento filosófico de Nietzsche. Embora o próprio Nietzsche tenha se declarado repetidas vezes contrário à sistematização, Salomé argumenta que é possível identificar uma coerência interna em suas ideias, articuladas em torno de quatro conceitos centrais: Vontade de Potência, Transvaloração de Todos os Valores, Eterno

Retorno e Além-do-homem. Ao longo do capítulo final de sua obra, a pensadora detalha como esses conceitos formam a base de um novo sistema filosófico, ainda que Nietzsche rejeitasse a própria ideia de sistema filosófico fechado.

Salomé começa por destacar o rompimento de Nietzsche com o ideal cognitivo, o "espírito livre", muito valorizado pelo filósofo em seu período de flerte com o positivismo. Cita, por exemplo, uma carta de Nietzsche na qual ele expressa a transição de sua filosofia: "Examine esta fase em que tenho vivido há anos. Olhe para trás! Não se deixe iludir comigo. Não creia que o 'livre espírito' seja meu ideal" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 145). Esse trecho marca o ponto de virada em que Nietzsche abandona a crença na supremacia do conhecimento racional e começa a construir uma filosofia baseada nas forças vitais e nas pulsões psíquicas, distanciando-se do rigor teórico e da lógica como fundamentos da verdade.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

A autora, então, explora o que ela descreve como um "retorno" de Nietzsche à metafísica estética, que ele havia abraçado em sua fase inicial sob a influência de Schopenhauer e Wagner. Contudo, Salomé explica que esse retorno é marcado por uma nova ética, centrada na vida e nas pulsões, em lugar da negação da vontade pregada por Schopenhauer (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 145). Nietzsche não retorna simplesmente à estética metafísica, mas a transforma, mesclando-a com novas ideias sobre a superação da moral e a criação de novos valores.

Lou Salomé apresenta a Vontade de Potência como princípio filosófico unificador da obra de Nietzsche, afirmando que esse conceito substitui as doutrinas metafísicas tradicionais, proporcionando a Nietzsche uma base para sua teoria da vida. Ela descreve a Vontade de Potência como uma força criadora e afirmativa, que permite a superação dos valores herdados e fundamenta a "apoteose do eu" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 164-166). Para Nietzsche, essa vontade não é apenas um desejo de poder no sentido usual, mas uma força vital que impulsiona o ser humano a transcender suas limitações e a criar novos valores: “pela primeira vez nasceria o filósofo como o criador, (...) na forma daquele que tem vontade de potência, na forma do gênio da humanidade, daquele que compreende a vida em si” (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 167).

Com base nesse princípio, surge a ideia de Transvaloração de Todos os Valores, que Salomé (1992, p. 175-176) identifica como uma consequência direta da Vontade de Potência, vista como declaração de guerra a toda ascese. Nietzsche propõe uma reavaliação completa da moral tradicional, especialmente a moral cristã, que considera responsável pela disseminação de valores de fraqueza e submissão. Salomé observa que Nietzsche via essa transvaloração como necessária para o surgimento do Além-do-homem, ser que seria capaz de ultrapassar as categorias morais convencionais e afirmar a vida em toda a sua plenitude. O Além-do-homem, no entanto, para Lou Salomé (1992, p. 179), implica também uma renúncia de si, pois é preciso abandonar o humano para abrir espaço à sua chegada.

Segundo Lou Salomé, Nietzsche não concebe o Além-do-homem como uma simples extensão das capacidades humanas atuais, mas sim como uma ruptura total com o humano, uma "super-espécie" que deve transcender o

caráter comum da humanidade. Ela ressalta que Nietzsche não via o desenvolvimento do Além-do-homem como um aprimoramento gradual das qualidades humanas já existentes, mas como uma criação inteiramente nova, que ultrapassa radicalmente o humano natural e moral (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 178).

Salomé discute que, para Nietzsche, o caminho para o Além-do-homem não consiste em uma ascensão moral, mas na superação das limitações impostas pela moral tradicional. A autora destaca que a humanidade, em sua forma atual, estaria condenada à extinção ou superação, e que a criação do Além-do-homem requer uma luta profunda contra as forças morais e sociais que oprimem os instintos vitais. Salomé explica que Nietzsche via esse processo como uma espécie de "selva de autoindulgência", uma jornada intensa de fortalecimento da vontade, onde a superação do homem comum é tanto uma destruição quanto uma criação (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 179).

Ao discutir a figura do Além-do-homem, Salomé rejeita interpretações por ela consideradas equivocadas que associam essa figura a um modelo inumano ou tirânico, como Cesare Borgia. Ela esclarece que Nietzsche não endossava a brutalidade ou crueldade como metas finais, mas as considerava etapas necessárias para forjar o caráter do Além-do-homem, que, ao final, representaria uma figura profundamente criativa e espiritual, distinta de qualquer ideal humano anterior (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 180).

Assim, a interpretação de Salomé sublinha o caráter dual da ética nietzschiana, que envolve uma profunda ascese e, ao mesmo tempo, uma rejeição radical do ascetismo tradicional. Haveria aí uma “dupla face da moral nietzschiana, com seus esforços cheios de crueldade tirânica e renúncia ascética” (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 179). Nietzsche não visa apenas purificar ou enobrecer o homem, mas extingui-lo em favor de uma nova criação, uma transformação total que leva à emergência do Além-do-homem como um ser criador e redentor da vida (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 181).

No centro desse sistema filosófico, Salomé (1992, p. 191) posiciona a doutrina do Eterno Retorno, descrita por ela como constituindo “tanto a base como a coroação” do pensamento nietzschiano e como sua “doutrina mais alegre” (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 191). Para Nietzsche, o Eterno Retorno não é apenas uma concepção metafísica, mas uma experiência existencial que testa a capacidade do indivíduo de afirmar a vida em sua repetição infinita. Esse conceito desafia o indivíduo a viver como se cada instante de sua vida fosse se repetir eternamente, forçando-o a confrontar as consequências de suas escolhas e a necessidade de uma vida afirmativa. Ela explica que o Eterno Retorno não é apenas uma ideia teórica, mas uma concepção profundamente existencial e mística, que exige transformação interior e aceitação plena da vida tal como ela é, incluindo todas as suas dores e sofrimentos. Salomé nos conta de quando Nietzsche revelou a ela, pela primeira vez, o pensamento do Eterno Retorno:

> É inesquecível o momento em que ele a revelou para mim pela primeira vez como um segredo, como algo cuja confirmação lhe reservava um horror indizível; só falava dela em voz baixa e com todos os sinais do mais profundo terror. E, de fato, sofria tão profundamente com a própria vida que a certeza do eterno retorno da vida deveria ter para ele um quê de medonho. A quintessência da doutrina do

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

> eterno retorno, a radiante apoteose da vida, posteriormente estabelecida por Nietzsche, é tão profundamente antagônico o seu sentimento torturante da vida que nos parece uma máscara sinistra. (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 193).

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Lou Salomé chega a afirmar que Nietzsche concebia o Eterno Retorno como uma “fatalidade inevitável”, mas encontrou nele, filosoficamente, a forma de dar à vida um sentido absoluto. O conceito desafia o indivíduo a viver como se cada momento fosse repetido eternamente, exigindo a afirmação total da vida em todas as suas facetas, sem arrependimentos. Para Nietzsche, essa ideia surge como um "pesadelo", uma “tortura psíquica”, algo que esmaga, mas ao mesmo tempo como uma possibilidade de redenção, uma prova máxima de amor à vida (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 193).

Além disso, Salomé descreve o Eterno Retorno como o ponto culminante da filosofia nietzschiana. Ela explica que a doutrina não só coroa a ética e a lógica desenvolvidas por Nietzsche, mas também se apresenta como uma revelação mística que vai além do pensamento racional. A aceitação do Eterno Retorno exige capacidade de transcender a condição humana e se identificar com o "filósofo-criador" que Nietzsche idealiza em sua obra (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 201).

Essa doutrina, segundo Salomé, é ao mesmo tempo libertadora e aterrorizante. Ela afirma que Nietzsche lutou profundamente com a ideia, alternando entre um estado de horror diante da repetição eterna da vida e uma aceitação exaltada dessa condição, como uma divinização da própria existência (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 194). A pensadora sugere que a filosofia de Nietzsche, especialmente a partir dessa concepção, está marcada por um paradoxo profundo entre o pessimismo radical de uma vida repetida infinitamente e o otimismo triunfante de uma vida plenamente afirmada em cada repetição

Salomé também examina a crítica de Nietzsche ao cristianismo, que ele identifica como a principal expressão da "moral dos escravos". Essa moral, segundo Nietzsche, promove valores de fraqueza e ressentimento, negando a vida e inibindo o desenvolvimento do "homem nobre". Salomé explica que, para Nietzsche, a moral cristã impede a superação necessária para que o ser humano alcance seu pleno potencial, perpetuando um ciclo de negação da vida (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 170-171).

Para Lou Salomé, Nietzsche, ao desenvolver esses conceitos, formulava um novo sistema de valores baseado no equilíbrio dinâmico entre criação e destruição. Esse novo sistema filosófico rejeitaria a necessidade de uma verdade transcendental, propondo em seu lugar uma filosofia que afirma a vida em seu fluxo contínuo. Nesse sistema, a destruição de velhos valores é necessária para a criação de novos, e é por meio desse processo que a humanidade pode evoluir (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 169).

Lou Andreas-Salomé arremata sua análise biográfico-filosófica de Nietzsche abordando seu mergulho na loucura como uma parte intrínseca de sua experiência filosófica e criativa. Ela reflete sobre o significado da loucura para Nietzsche, não apenas como uma condição clínica, mas como um fenômeno com implicações filosóficas mais amplas. Salomé observa que, já em seus escritos anteriores, Nietzsche explorava o conceito da loucura como uma possível fonte de conhecimento, conectando-a ao estado de êxtase e às rupturas

com a racionalidade. Ela cita uma passagem de "Aurora" em que Nietzsche questiona por que novas ideias frequentemente parecem inseparáveis da loucura, que em quase toda parte abriu caminho para desfazer costumes e superstições respeitadas (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 208).

Salomé também examina como Nietzsche refletia sobre a ideia de que a loucura poderia ser um sinal de eleição, algo que separava o gênio criador dos demais homens. Para ele, os homens que romperam com as normas estabelecidas da moralidade, da religião e da sociedade frequentemente foram considerados loucos, e Nietzsche via-se em um limiar semelhante. A relação entre a criação filosófica e a loucura é vista por Salomé como parte de uma luta contínua de Nietzsche para afirmar sua própria filosofia e transcendência diante de uma cultura que rejeitava suas novas concepções de vida e moralidade (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 209).

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Além disso, Salomé sugere que a loucura de Nietzsche está associada à intensidade de sua vida intelectual e emocional, que atingiu um ponto de saturação ao longo de sua trajetória. Conforme Nietzsche se distanciava das influências externas e se tornava cada vez mais imerso em sua própria visão filosófica, sua capacidade de lidar com as tensões de sua vida interna e criativa começou a se deteriorar. Esse processo culminou em sua doença mental, que Salomé interpreta como uma consequência direta da sobrecarga psíquica e criativa que marcou sua obra final. Ela vê essa loucura como parte de sua "noite interior", um período em que ele continuou a criar, mesmo que isso significasse avançar tateando na escuridão (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 213).

Lou Salomé afirma que Nietzsche estava consciente do naufrágio na loucura, mas que sua grandeza residiu justamente em se despedir "com a boca sorridente, coroado de rosas, perdoando, justificando e transfigurando a vida". Assim ele concluiu sua vida, como uma obra de arte, despedindo-se de nós como um "duplo ser místico". Até hoje, no entanto, ouvimos, através de sua obra imortal, a dupla ressonância de seu riso: "a risada de um louco e o sorriso de um vencedor" (ANDREAS-SALOMÉ, 1992, p. 220).

6.Uma "coquete estudiosa" em território masculino: Lou Salomé e a comunidade dos intérpretes de Nietzsche

Em corrosivo artigo publicado no Brasil, originariamente, em 1942, intitulado "Lou Salomé - A mulher a quem Nietzsche amou", o advogado e escritor francês Anatole de Monzie (2016) explora a figura de Lou Andreas-Salomé, focando em seu relacionamento com Nietzsche e na forma como ela retratou o filósofo em sua obra. Monzie, de modo impiedoso, a descreve como uma "coquete estudiosa" e "sereia calculista", que teria manipulado Nietzsche para seus próprios fins intelectuais e literários. Segundo o autor, Lou Salomé aproveitou-se da vulnerabilidade emocional de Nietzsche, retirando-se do relacionamento após obter o que desejava em termos de inspiração e material. A obra de Salomé, publicada quando o filósofo já estava em estado de loucura, é vista por Monzie como uma "interpretação testamentária", revelando mais sobre a personalidade ambiciosa e fria de Salomé do que sobre Nietzsche.

Esse é apenas um dos vários exemplos que demonstram como Lou Andreas-Salomé tem sido injustiçada na comunidade dos intérpretes de

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Nietzsche. Quando não é diminuída em razão de preconceitos de gênero - afinal, era direito seu recusar as investidas amorosas do filósofo -, Salomé tem sua pioneira e original leitura de Nietzsche invisibilizada. Sua influência para as interpretações posteriores raramente é reconhecida ou mencionada.

O certo é que a "coquete estudiosa", que viria a se tornar também uma das precursoras da psicanálise, oferece uma interpretação de Nietzsche bastante original para o momento em que foi escrita, centrando-se na dimensão biográfica, psicológica, existencial e místico-religiosa. Essa interpretação, até hoje, se distingue das leituras de outros importantes comentadores. A comparação dessas abordagens[6] revela diferentes maneiras de entender conceitos-chave da filosofia nietzschiana como Vontade de Potência, Eterno Retorno, Transvaloração de Todos os Valores e Além-do-homem.

Salomé (1992), em "Nietzsche em Suas Obras", destaca a importância das experiências emocionais e pessoais de Nietzsche para o desenvolvimento de sua filosofia. Ela argumenta que a obra de Nietzsche é inseparável de seu processo de transformação interna e suas crises existenciais, colocando ênfase na dimensão afetiva e psicológica do filósofo, bem como em seu espírito místico-religioso. Sua leitura contrasta, por exemplo, com a de Martin Heidegger, que vê em Nietzsche o último grande metafísico da tradição ocidental. Para Heidegger, Vontade de Potência e Eterno Retorno são expressões de uma continuidade da metafísica da subjetividade, que inicia com Platão e culmina no niilismo, marcado pela "morte de Deus". Heidegger interpreta Nietzsche como aquele que, ao tentar superar a metafísica, acaba reafirmando-a em sua ênfase no poder e na repetição (HEIDEGGER, 2007).

Walter Kaufmann, por outro lado, enxerga Nietzsche como um afirmador da vida, alguém que rejeita os valores herdados do cristianismo e da moralidade convencional em favor de uma ética da autenticidade e liberdade. Para Kaufmann, Nietzsche não é um niilista destrutivo, mas um pensador que celebra a vida e busca criar novos valores. Sua interpretação destaca a Transvaloração de Todos os Valores como um processo de libertação e criação, aproximando-se do otimismo trágico que Nietzsche propõe (KAUFMANN, 2013). Embora Salomé também valorize, em sua leitura, a noção de filósofo como criador de valores, ela enfatiza a dimensão psicológica desse processo, vendo Nietzsche como aquele que se recria pessoalmente por meio de sua obra.

Michel Foucault (1977; 2005) se aproxima de Nietzsche ao usar a genealogia como estratégia para analisar criticamente as relações de poder que moldam as matrizes normativas de comportamento e os discursos de verdade. O filósofo francês vê em Nietzsche um precursor de suas investigações sobre como o poder opera nas relações sociais e epistêmicas. O conceito de Vontade de Potência é interpretado por Foucault como uma chave para entender as relações de poder e os dispositivos de governamentalidade, leitura que diverge da de Lou Salomé, que se concentra no aspecto existencial e transformador dessa vontade.

Gilles Deleuze (2006), por sua vez, apresenta uma leitura que, em muitos aspectos, complementa a de Salomé, embora com foco conceitual e filosófico mais acentuado. Para Deleuze, Nietzsche é o filósofo da diferença e da afirmação, pensador que celebra as forças ativas e criadoras da vida. Deleuze vê o Eterno Retorno como a repetição do novo, uma celebração da diferença,

enquanto Salomé trata o conceito em termos existenciais e psicológicos, como uma afirmação da própria vida diante do sofrimento. Embora ambos vejam Nietzsche como um pensador afirmativo, Deleuze foca nas forças filosóficas, enquanto Salomé privilegia a transformação pessoal.

Karl Jaspers (1965) considera Nietzsche um dos principais exemplos do filósofo existencial, cujo pensamento reflete a vivência profunda de seus conceitos. Jaspers interpreta Nietzsche como um pensador que vive suas ideias de forma intensa, buscando superar os limites impostos pela moral tradicional e transcendendo as convenções estabelecidas. Essa abordagem existencial de Jaspers tem em Salomé, provavelmente, a primeira precursora, embora ela enfatize mais o aspecto emocional e psicológico das crises de Nietzsche, enquanto Jaspers foca no esforço transcendental de sua filosofia.

Gianni Vattimo (1990; 2002; 2014), por sua vez, vê Nietzsche como um precursor do pensamento pós-moderno, inaugurando uma crítica radical à verdade dogmática e promovendo a pluralidade hermenêutica decorrente da consumação do niilismo. Vattimo interpreta a Vontade de Potência como uma expressão desse pluralismo radical, que desestabiliza as noções de verdade e universalidade. Essa leitura coloca Nietzsche no centro do enfraquecimento e ultrapassamento da metafísica, enquanto Salomé concentra-se em como essas ideias refletem a busca pessoal e existencial de Nietzsche para se libertar de sistemas rígidos e de angústias pessoais.

Já Alexander Nehamas (2002) interpreta Nietzsche como um estilista filosófico, interessado menos em construir um sistema de verdades filosóficas e mais em experimentar a criação de uma nova forma de vida e pensamento através da arte, mais especificamente da literatura. Para Nehamas, Nietzsche deseja transformar a vida em obra de arte, rejeitando o dogmatismo e abraçando a criação contínua de si mesmo, como um personagem literário que escreve um romance autobiográfico em primeira pessoa. Essa leitura contemporânea também está em harmonia com a de Lou Salomé, que vê Nietzsche como sujeito em constante transformação, mas enquanto Nehamas foca no aspecto estético, Salomé privilegia a transformação emocional e psicológica.

Essas comparações, de forma exemplificativa, revelam como cada intérprete enfatiza diferentes aspectos da obra nietzschiana. Salomé, que escreveu décadas antes de todos os comentadores aqui mencionados, destaca a dimensão psicológico-existencial de Nietzsche e seu gênio místico-religioso, interpretando seus conceitos como formas de autossuperação pessoal e transcendência. Heidegger, por outro lado, vê Nietzsche como parte da tradição metafísica que ele tentava superar. Kaufmann enxerga Nietzsche como um afirmador da vida e da liberdade, enquanto Foucault encontra nele um crítico dos dispositivos de poder. Deleuze valoriza a filosofia da diferença e da criação de novos valores, Jaspers foca no esforço existencial de superação. Vattimo destaca a consumação do niilismo e o pluralismo hermenêutico e Nehamas enfatiza a vida como literatura e obra de arte. Assim, em meio a cada abordagem que oferece perspectiva única sobre a complexidade da obra de Nietzsche, a leitura pioneira de Lou Andreas-Salomé, apesar de pouco visibilizada, continua sendo uma das mais sensíveis e existencialmente orientadas.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

7. Considerações finais

Neste artigo dediquei-me a investigar a relação entre Friedrich Nietzsche e Lou Andreas-Salomé, bem como a relevância da interpretação da filósofa, psicanalista e escritora em torno da obra nietzschiana. Apresentei o contexto da análise e a importância de revisitar a leitura de Salomé em um cenário dominado por comentadores majoritariamente masculinos, destacando o impacto que ela teve sobre Nietzsche e a profundidade de sua compreensão filosófica.

A relação pessoal entre os dois pensadores foi marcada por intensos momentos de colaboração intelectual, desencontros afetivos e, posteriormente, pela separação definitiva. A conexão entre Lou Salomé e Nietzsche transcendeu a esfera romântica, sendo marcada por respeito mútuo em termos de capacidade intelectual, com Salomé desempenhando papel crucial ao influenciar aspectos importantes da obra nietzschiana.

A tese central de Lou Salomé é que a obra de Nietzsche deve ser entendida como uma espécie de "autoconfissão involuntária" direcionada à "monstruosa apoteose de si próprio". Salomé sugere que Nietzsche projetava em sua filosofia seus conflitos pessoais e angústias, de forma que sua produção filosófica refletisse diretamente seu sofrimento e isolamento. Essa interpretação coloca Salomé como uma precursora das abordagens psicológicas que seriam aplicadas ao estudo de Nietzsche mais tarde.

Lou Salomé ressalta, em sua leitura, as constantes transformações intelectuais de Nietzsche. Ela argumenta que o filósofo não seguia um caminho linear, mas passava por contínuas mudanças, revisitando e reformulando suas ideias à medida que atravessava crises pessoais. Nietzsche, segundo Salomé, via a mudança e a ruptura como processos essenciais para a renovação de seus conceitos filosóficos e para a superação dos valores herdados.

Embora o próprio Nietzsche rejeitasse a ideia de construir um sistema filosófico fechado, Lou Salomé reconheceu que seus conceitos centrais, como Vontade de Potência, Eterno Retorno, Além-do-homem e Transvaloração de Todos os Valores, organizam-se de maneira coerente em torno de uma visão unificadora da vida, que ela denominou "Sistema Nietzsche". Essa interpretação destaca o caráter criativo e afirmativo da filosofia nietzschiana, que busca constantemente a superação e a renovação de si mesma. Ressalta, também, que toda a filosofia nietzschiana deriva de seu "gênio religioso" e que seu pensamento final é uma aventura mística de transcendência, buscando em seus conceitos um substitutivo para o "Deus perdido".

Vida e obra de Nietzsche, para Lou Salomé, se entrelaçam e retroalimentam. A influência da figura paterna guarda relação com o "gênio religioso" que teria levado Nietzsche a iniciar seus estudos em teologia. A figura inspiradora do professor Ritchl condiciona sua migração da teologia para a filologia clássica. O rompimento com o cristianismo e a relação com Wagner o redirecionam da filologia à filosofia, com especial interesse metafísico e estético. O rompimento com Wagner e a intensa amizade com Paul Rée o afastam da metafísica schopenhauriana e o mergulham no positivismo. A doença crônica, que o impedia de ler, lecionar e se dedicar às investigações científicas que planejara o obrigam a adotar o estilo aforismático, fragmentário

e pessoal de escrita. A ruptura com o positivismo representa, também, o arrefecimento da amizade com Paul Rée. O agravamento dos sofrimentos internos e externos e o avizinhamento da loucura o levam ao retorno a si mesmo e à busca de transcendência por meio da autodivinização que caracteriza seu sistema final. Toda a filosofia nietzschiana, para Salomé, é esse constante exercício de autoconfissão da vida pessoal por meio de categorias conceituais.

Muitas vezes vista com desdém ou superficialidade, situar Lou Salomé no contexto intelectual predominantemente masculino da comunidade dos intérpretes de Nietzsche permanece um desafio necessário. Sua interpretação de Nietzsche é pioneira, oferecendo visão que antecipou muitas das leituras psicológicas e existenciais da obra nietzschiana, influenciando intérpretes posteriores. Sua leitura única, que conecta vida pessoal e produção filosófica, revela facetas emocionais e existenciais de Nietzsche que permanecem dignas de ser exploradas. Ao colocar Salomé em diálogo com a tradição interpretativa de Nietzsche, resta claro seu vanguardismo em oferecer uma leitura psicológica que revela um filósofo cujas ideias nascem de lutas pessoais e internas profundas, levadas a cabo no interior de sua personalidade multifária e fragmentada.

Permanece original a tese de Salomé de que toda a construção filosófica de Nietzsche está alicerçada em seu gênio religioso e que sua verdadeira busca, afinal, seria de ordem mística e transcendental: a tentativa de encontrar na filosofia um substituto para o Deus perdido. Não precisamos concordar integralmente com a leitura de Lou Salomé, mas é impossível negar seu pioneirismo e relevância.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Referências

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia.* 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Genealogy, History.* In: D. F. BOUCHARD (Ed.). Language, Counter-Memory, Practice. Ithaca: Cornell University Press, 1977. p. 139-164.HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JANZ, Curt Paul. "Friedrich Nietzsche*:* uma biografia, três volumes". Petrópolis: Vozes, 2016.

JASPERS, Karl. *Nietzsche:* Einführung in das Verständnis seines Philosophierens. Berlin: de Gruyter, 1965.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche:* Philosopher, Psychologist, Antichrist. 4. ed. Princeton: Princeton University Press, 2013.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e as Mulheres:* Figuras, imagens e tipos femininos. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche:* Life as Literature. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra:* um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2018,

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo:* como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira.* São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke:* Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. Berlin: de Gruyter, 1999.

SIEGEL, Daniela T. *Nietzsche and Women:* Reflections on a Philosopher's Private Pain and Public Critique. Philosophy and Literature, v. 22, n. 2, p. 302-325, 2004.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche:* Biografia de uma Tragédia. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

SALOMÉ, Lou Andreas. *Friedrich Nietzsche em suas Obras.* São Paulo: Brasiliense, 1992.

TILLICH, Paul. *The Courage to Be.* New Haven: Yale University Press, 2014.

VATTIMO, Gianni. *Diálogo con Nietzsche.* Buenos Aires: Paidós, 2002.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche.* Lisboa: Editorial Presença, 1990.

VATTIMO, Gianni. *O Sujeito e a Máscara:* Nietzsche e o Problema da Libertação. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche:* A Philosophical Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.2, Ago., 2025, p.121-142

Notas

1 No original, "*Friedrich Nietzsche in seinen Werken*", publicado em 1894, pela editora Carl Konegen, e Viena.

2 Para uma análise minuciosa da figura feminina em Nietzsche, conferir o recente e já incontornável "Nietzsche e as Mulheres", de Scarlett Marton (2022).

3 Tradução do autor. No original: "*Die Schlange, welche sich nicht häuten kann, geht zu Grunde. Ebenso die Geister, welche man verhindert, ihre Meinungen zu wechseln; sie hören auf, Geist zu sein*".

4 Segundo Lou Salomé, a doença, que lhe impedia de ler e escrever por períodos mais longos, o obrigou a desenvolver um estilo em que pudesse, por meio dos aforismos, dizer muito em poucas palavras.

5 Há uma outra razão, não mencionada por Lou Salomé, que certamente foi determinante para esse afastamento e ruptura: a descoberta, por parte de Nietzsche, do relacionamento amoroso que vinha se desdobrando entre Rée e Salomé, sem seu conhecimento. Para mais detalhes sobre a possível dinâmica do triângulo Nietzsche-Salomé-Rée, conferir, por exemplo, o segundo volume da excelente biografia de Nietzsche escrita por Kurt-Paul Janz (2016).

6 A comparação entre a leitura de Lou Salomé e a de outros comentadores é aqui realizada apenas de modo breve e panorâmico, já que uma análise pormenorizada não caberia no propósito geral deste artigo, podendo ser objeto de trabalhos futuros focados especificamente na questão.